

## A lagosta judia

Heloisa Pait\*

Era uma vez uma lagosta judia muito observadora das leis de sua religião. A lagosta lia a Torá com tamanha devoção que chegava a espantar seus amigos do mar. Os cavalos marinhos e ostras achavam que se tratava de uma fase, comum nos crustáceos, de busca espiritual. Mas a tal “fase” não parecia ter fim, e não era difícil ver a lagosta preparando-se para seu sereno Shabat, cobrindo suas pernas até a altura do que ela, solitariamente, interpretava serem seus “joelhos”, e recontando a quem se dispusesse a ouvir as agruras do povo que ela queria fosse o seu.

Um dia a lagosta, achando que no mar, que ela adorava tanto, lhe faltava a vida e conhecimento judaico que precisava, disse adeus a seus amigos e embrenhou-se em terra firme. É bem verdade que a praia e a serra do mar eram bonitas, mas decepcionou-se: havia poucos membros do povo eleito naquelas paragens, a não ser nos fins-de-semana, quando a confusão geral tornava indistinguíveis os justos e os iníquos, os sábios e os pagodeiros. Com muito custo, a lagosta judia chegou a São Paulo de Piratininga, no alto da serra, e foi ter com um rabino liberal. Mal tinha explicado seus anseios espirituais, e o bom rapaz, formado pelo Jewish Theological Seminary de Nova York, foi botar água para ferver “para um café”. A lagosta deu no pé, pois o borbulhar da água fervendo, independentemente das intenções do moço, lhe recordava coisas muito tristes que ela guardava em comum com o povo judeu, do qual queria tanto fazer parte.

A lagosta perambulou, lagostamente, entre carros em disparada e moças de salto alto, pelas ruas de Piratininga, quando deu de cara com uma sinagoga bem ortodoxa. Burlou esquemas de segurança complicados, e viu-se cara a cara com o rabino gorducho. “Gorducho, talvez,” ela pensou, “mas lagosta ele não come.”

Esse primeiro pensamento da lagosta, cheio de confiança e de esperança, marcou o início de um longo diálogo entre um rabino ortodoxo formado em Jerusalém, onde aliás não há lagostas, e uma lagostinha bem brasileira, esperta e determinada como a nossa. O rabino, encantado com aquele crustáceo tão corajoso, logo perguntou o que a lagosta queria em sua sinagoga, e como ele poderia ajudá-la, já que comê-la ele não poderia.

A lagosta, expressando-se com suas patas grossas e flexíveis, disse que queria, apenas, ser judia.

Foi um baque para o rabino. Ele tinha sido treinado para realizar conversões quando o gentio se mostrava suficientemente persistente em sua meta. Mas um animal poderia se converter? E, ainda mais, sem querer ser preconceituoso, um animal *treif*? “Você não pode me comer,” disse a lagosta, “mas onde está escrito que não pode me converter?” Aquele jeito de argumentar, aquele tom levemente acusador, aquela esqueleto externo que ganhava um tom arruivado no sol, como as filhas sardentas do rabino, aquilo tudo amoleceu o rabino, que pensou para consigo mesmo: “Se D’us fez uma só lagosta judia no universo, ela está aqui falando com esse humilde estudioso de Suas leis.” A verdade, nua e crua, é que o rabino emocionou-se diante daquele bicho *treif*, impróprio para a alimentação de um judeu temente a D’us, e, consciente de sua emoção imprópria, ficou vermelho feito um camarão.

“Mas, e seus amigos?”, o rabino perguntou. “Vai continuar andando com lagostas, camarões, mariscos e outras delí... e outros bichos proibidos?” A lagosta respondeu que, ao sair do mar, tinha se despedido de todos os seus amigos queridos, e feito uma opção pela sua fé, e pelo seu povo. “Polvo?”, o rabino perguntou. “Po-vo!”, a lagosta disse. “Povo!”, repetiu para si própria, já um pouco irritada. “O povo que seguiu Moisés pelo deserto, que guardou a Torá depois da destruição do Templo, esse

povo.” O rabino, humilde, desculpou-se, e lhe fez uma oferta. “Na casa de minha tia Ana, em Santos, tínhamos um tanque no quintal onde ficavam as tartarugas. Não vou poder lhe dar um lugar de honra na minha sinagoga, você sabe, todos aqui são um pouco, bem são um pouco muito, entende? Então deixo a porta aberta na hora das rezas, e você fica no tanque assistindo de longe, tudo bem?”

A lagosta ficou assim entre o feliz e o triste. Estava contente por, enfim, tomar parte de cerimônias das quais apenas ouvia borbulhar, no mar. Mas num tanque, à distância, longe de todos? E só por ser um bicho *treif*? D’us também tinha feito os bichos *treif*, e se eram *treif*, não eram por culpa deles, e sim Dele, oras. Mas tinha que reconhecer a bondade do rabino ortodoxo, que não a havia comido com manteiga.

E assim, dia após dia, a lagosta começou a fazer parte do dia-a-dia daquela comunidade de Piratininga, com judeus vindos das mais remotas partes do globo, até do mar. As crianças pequenas foram as que primeiro notaram o bicho marinho: sem distingui-la de outros bichos, alguns a protegeram, outros a infernizaram. Não vou dizer que judiaram dela pois minha avó, por alguma razão, era contra essa expressão. E ela é que sabia contar histórias, a Dona Carlota!

Aos poucos os jovens perceberam o crustáceo ali, e logo quiseram levar para uma experiência na escola. Mas o rabino, sutilmente, sem nunca publicar a verdadeira razão de sua presença no local santo, os dissuadiu. E a lagosta foi ficando, foi ficando. Os velhinhos, quando a viram, deram risada: os tempos haviam mudado mesmo! Uma lagosta na sinagoga! Só faltava ser judia, a lagosta!

Era isso mesmo: só faltava ser judia, a lagosta.

-----

\* **Heloisa Pait** é Doutora em Sociologia pela New School for Social Research. Professora da UNESP de Araraquara e escritora, atualmente ensina Cultura Brasileira na Chatham University, em Pittsburgh, EUA, pela Fulbright. Seu livro *A Universidade no exílio: histórias de uma brasileira em Nova York*, encontra-se no prelo.